

VARIAÇÃO DA NASALIDADE VOCÁLICA DE FREGUESIA DO ANDIRÁ – BARREIRINHA, NO AMAZONAS: CORPUS DE VOGAIS EM SÍLABA TÔNICA

Tatiana Belmonte dos Santos Rodrigues¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é descrever a nasalidade na fala dos moradores nativos de Barreirinha, no distrito de Freguesia do Andirá, no Amazonas. Por meio de um estudo diacrônico da nasalidade do latim (William, 1961) até o português moderno (Câmara Jr, 1984), é possível identificar o seu surgimento e as suas transformações. Alguns aspectos da nasalidade no português arcaico descritos por Bueno (1967), nos despertaram para a identificação do fenômeno realizado em Freguesia do Andirá. Este é um trabalho quali-quantitativo, que segue os parâmetros da teoria sociovariacionista (Labov, 1991). A análise dos dados coletados indicou a constatação de uma variação de nasalidade neste distrito de Barreirinha, que se assemelha à variação ocorrente no português arcaico, e, ainda, apontou para um processo de transformação do fenômeno, como em progressão, considerando as variáveis sociolinguísticas analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade do Andirá; Nasalidade; Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos em variação dialetal da língua, logo vem à mente o modo do falar chiado do carioca, o do falar cantado do mineiro, o arrastado do baiano e o enrolado do paulista. Onde está o falar amazônico neste contexto?

Infelizmente, os estudos linguísticos amazônicos, que têm ganhado força desde a iniciativa de desenvolvimento do ALAM (Atlas Linguístico do Amazonas), são pouco ou nada divulgados à comunidade científica do resto do país, o que causa uma impressão errônea dos pesquisadores linguistas

¹ Especialista em metodologia do Ensino de Língua Inglesa. Mestre em Letras (UFAM). Doutoranda em Estudos da Linguagem (POSLIN-UFMG)



amazônicos perante esta comunidade, levando-os a pensar que, provavelmente, nada há de interessante a ser pesquisado no âmbito linguístico de nossa região.

Porém, nossa pesquisa revela um fenômeno linguístico inédito no contexto linguístico brasileiro, que vem da margem do rio Andirá, de uma Comunidade do município de Barreirinha, a 331km de Manaus, a Comunidade de Freguesia do Andirá.

A NASALIDADE VOCÁLICA DO LATIM AO PORTUGUÊS

Faria (1970) descreve o vocalismo latino da seguinte forma:

As transformações fonéticas sofridas pelas vogais latinas em sua longa evolução são devidas principalmente a dois fatores: a influência do acento tônico da palavra; adaptação a fonemas vizinhos. Assim as vogais indo-européias conservadas pelo itálico, e mais as que se criaram neste, quando não afetadas nem pelo acento nem por fonemas vizinhos, geralmente se conservam intactas no latim, quer sejam breves ou longas. (FARIA, 1970, p.168)

Nesse contexto, ressalta-se a divisão do latim em latim clássico - a língua das classes - e latim vulgar – a língua do povo. Williams (1961) destaca que, conforme o domínio do Império Romano expandia, o latim clássico desaparecia, e descreve o desenvolvimento das vogais do latim clássico para as vogais do latim vulgar, apontando que a variação de uma dada vogal em latim clássico era quantitativa – longo e breve -, enquanto a correspondente variação em latim vulgar era qualitativa – fechado e aberto -, com exceção da vogal a, na qual não se fazia distinção qualitativa. O quadro a seguir ilustra o desenvolvimento descrito por Williams (1961):

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR
<i>ī</i>	<i>i</i>
<i>ī</i>	<i>i</i>
<i>ē</i>	<i>e</i>
<i>oe</i>	<i>e</i>
<i>ē</i>	<i>e</i>
<i>ae</i>	<i>e</i>
<i>ā</i>	<i>a</i>
<i>ā</i>	<i>a</i>
<i>ō</i>	<i>o</i>
<i>ō</i>	<i>o</i>
<i>ū</i>	<i>u</i>
<i>ū</i>	<i>u</i>
au	au

Quadro 01: Vogais do latim clássico ao vulgar (WILLIAMS, 1961, p. 17).



Tal classificação de variação vocálica sugere que não havia no latim, tanto o clássico quanto o vulgar, a existência de vogal nasal.

Melo (1967) descreve que a Península Ibérica se tornou província romana após sucessivas guerras púnicas. O autor afirma que “os povos que foram sendo sujeitados politicamente a Roma acabaram por esquecer a própria língua e a admitir o latim” (MELO, 1967, p. 101). Vale ressaltar que foi do latim vulgar que se originaram as línguas românicas.

Sobre o avanço do latim vulgar na costa ocidental da Península Ibérica, Williams (1961, p.27) afirma que: “(...) o latim vulgar, mais livre da influência do acento de intensidade germânico do que em qualquer outra parte, mais livre, especialmente, do que no resto da península, se desenvolveu em língua portuguesa”.

As sete vogais do latim vulgar se conservaram no galego português e podem ser esquematizadas como propõem Gonçalves e Ramos (1985):

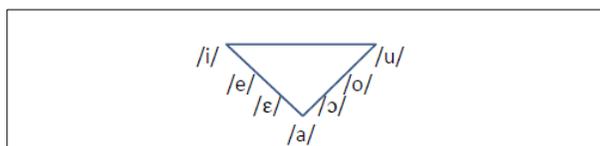


Figura 01: Vogais do português arcaico (GONÇALVES e RAMOS, 1985, p.91)

Um dos primeiros estudos realizados sobre a nasalidade vocálica no português foi realizado por Nobiling (1907). Em seu trabalho, o autor descreveu um aspecto da nasalidade vocálica no português arcaico, afirmando que “A nasalidade das vogais indica-se nos Cancioneiros pelo til sobreposto ou um *m* ou *n* colocados depois da vogal”. (NOBILING, 1907, p. 52)

Sobre as vogais nasais no período do português arcaico entre os anos 1200 e 1350, Teyssier (1997) descreve:

Vogais nasais — As vogais /i/, /e/, /a/, /o/ e /u/ são nasalizadas por uma consoante nasal implosiva, isto é, seguida de outra consoante — ex.: *pinto*, *sente*, *campo*, *longo*, *mundo* —, ou no final de palavra — ex.: *fim*, *quen*, *pan*, *acaron*, *comun*. Em posição átona final pode-se ter *-en*; ex.: *senten*; *-an*; ex.: *venderan* (mais-que-perfeito); e *-on*; ex.: *venderon* (perfeito). Quando a consoante nasal termina a palavra, a grafia mais comum foi por muito tempo *-n*. Porém, desde o período do



galego-português medieval, começam a aparecer nesta posição grafias em *-m*: *quen passa a quem, cantan a cantam*, etc. (TEYSSIER, 1997, p. 25)

A colonização portuguesa no Brasil teve início em 1532. Neste período de colonização, o quadro linguístico resumia-se em colonos que falavam português, indígenas, africanos e mestiços que aprenderam o português, mas faziam seu uso de forma imperfeita, como descreve Teyssier (1997).

As vogais do português brasileiro contemporâneo são sete, e são esquematizadas como propõe Camara Jr (1970):

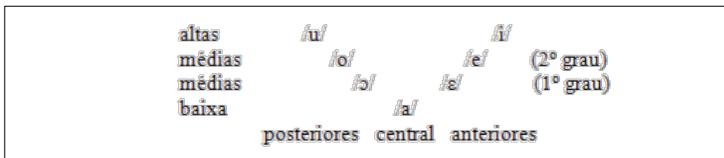


Figura 02: Vogais do português brasileiro (CAMARA JR, 1970, p. 43)

Nunes (1970) resume as mudanças das vogais do latim vulgar ao português brasileiro contemporâneo, chegando à disposição do quadro vocálico acima, da seguinte forma:

- ě e ae reduziram-se a é (aberto)
- ē, oe e ĭ reduziram-se a ê (fechado)
- ī reduziu-se a i
- ō reduziu-se a ó (aberto)
- ō e ū reduziram-se a ô (fechado)
- ū reduziu-se a u

Figura 03: Vogais do latim vulgar ao português brasileiro (NUNES, 1970, p.40)

Ao tratar dos aspectos inovadores da fonética brasileira, Teyssier (1997) ressalta um aspecto interessante relacionado à nasalidade vocálica. Segundo o autor:

Na pronúncia mais corrente (há, no entanto, exceções) não existe no português do Brasil a oposição entre os timbres abertos e fechados das vogais tônicas *a*, *e* e *o* seguidas de uma consoante nasal: ocorre, nesse caso, apenas o timbre



fechado. Diz-se *cantamos* com [ã] no perfeito como no presente; pronuncia-se *pena* com [ɛ] como em Portugal, e assim também *vênia*, ao passo que no português europeu se diz *vénia* com [ɛ] da mesma maneira, se temos *sono* com [o] como em Portugal, o timbre fechado da vogal estende-se a *Antônio*, quando no português europeu se diz António com [ɔ]. Em síntese: as oposições fonológicas que existem em Portugal, para essas três vogais, entre o timbre aberto e o timbre fechado, neutralizam-se no Brasil diante de consoante nasal. (TEYSSIER, 1997, p. 67)

Tal aspecto inovador remete-nos à observação de Bueno (1967) sobre a nasalidade vocálica produzida em Lisboa-Coimbra no tempo do português arcaico. Segundo Teyssier (1997) tal variante, que compreende a produção em timbre aberto das vogais tônicas *a*, *e* e *o*, seguidas de consoante nasal, não é padrão no português brasileiro.

Mattos e Silva (2006) aborda a discussão sobre a oposição distintiva /a:/ /ã/ que se realiza hoje entre a primeira pessoa do plural no presente e do perfeito dos verbos da 1ª conjugação (*am/ã/mos* : *am/a/mos*), no dialeto padrão de Portugal e afirma que “ainda não se estabilizara, segundo C. Maia, nesse dialeto no século XVI”. (MATTOS E SILVA, 2006, p.51) A autora ressalta que tal oposição não é realizada no Brasil, mas destaca que “nos dialetos do norte (Minho e Douro Litoral), ambas as formas verbais se pronunciam abertas e do centro para o sul de Portugal se pronunciam ambas fechadas, como no Brasil (Maia, 1986:313)” (MATTOS E SILVA, 2006, p.51)

Câmara Jr (1985) também faz o registro dessa inovação no processo de transformação do português europeu para o português brasileiro quando descreve o vocalismo atual. Segundo o autor:

Em Portugal, no quadro tônico, foi dado novo ora a presença, ora a ausência de uma ligeira nasalação da vogal tônica diante de consoante nasal da sílaba seguinte. A nasalação, que foi a regra geral no Brasil, importa numa mudança do timbre do /a/ para [ɛ] e do timbre médio aberto para médio fechado. Fonologicamente, o fechamento, e não a ligeira nasalação que o determina, é que deve ser considerado o traço relevante.

Temos assim, no Brasil, uma variante posicional para /a/ tônico e uma supressão da oposição distintiva entre /ɛ/ - /ɛ/, /ɔ/ - /ɔ/, com o desaparecimento do primeiro elemento, em cada par, diante de consoante nasal na sílaba seguinte.

Já, em Portugal, a possibilidade de haver ou não haver o fechamento conserva as oposições /ɛ/ - /ɛ/, /ɔ/ - /ɔ/, e, o que é



mais importante, cria nesse ambiente particular uma oposição /a/ - /e/; distingue-se, por exemplo, por essa oposição uma flexão verbal *-amos* (a fechado) e outra *-ámos* (a aberto) na pessoa 1 do plural (*falamos*, presente: *falamos*, pretérito). (CAMARA JR, 1985, p. 42)

Já no contexto do português contemporâneo, Mattos e Silva (2006) descreve as vogais e os ditongos nasais do português como resultantes de vogais seguidas de consoantes nasais no latim. A autora exemplifica com consoantes em diferentes posições:

Em posição implosiva, isto é, fechando sílaba, portanto homossilábica (lat. *dente-*, *cambiare*: port. *dente*, *cambiar*); b) Em posição intervocálica, em que a consoante do latim vai desaparecer (lat. *lana*, *manu*: port. *lã*, *mão*); c) Em posição implosiva final de palavra, ou seja, antes de pausa (lat. *amant*, *in*, *cum*: port. *amam*, *em*, *com*); d) A nasalidade da vogal também pode resultar da contiguidade da consoante nasal que inicia a sílaba seguinte, ou seja, heterossilábica, que não desapareceu do latim para o português, como ocorre no caso b (lat. *amare*, *flamma*: port. *amar*, *chama*; *annu-*, *pannu-*: port. *ano*, *pano*). (MATTOS E SILVA, 2006, P. 67)

De acordo com os casos levantados por Mattos e Silva (2006), assume-se que a nasalidade é regressiva no português.

Atribuições fonética e fonológica são empregadas à nasalidade vocálica no português brasileiro.

Botelho (2007) descreve:

Tal nasalização da vogal pode ser fonética ou fonológica. Naquela, a vogal (que é sempre oral) recebe uma leve nasalização por conta do contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte (ex.: “mamãe”, “cana”, “aranha”); na nasalização fonológica, a nasalização (que não é nada leve) da vogal se dá por conta do contato com um elemento nasal (arqui fonema /N/) no declive da sílaba (ex.: “tampa”, “minto”, “mundo”). Certamente, não constituem fenômenos equivalentes, porquanto o resultado da nasalização fonológica é uma forma distinta daquela em que a vogal tem prolação oral, diferente do que ocorre com as formas em que se verifica a nasalização fonética. (BOTELHO, 2007, p. 56)

Faz parte da visão de nasalidade fonológica, duas interpretações: a bifonêmica e a monofonêmica. Segundo Botelho (2007), a nasalização da vogal





se dá por conta do contato com um elemento nasal, como por exemplo, o arquifonema /N/ no declive da sílaba, pensamento embasado na teoria de Camara Jr (2008), que considera as vogais nasais como vogais orais seguidas de um arquifonema consonântico nasal. Este tipo de interpretação é chamado de bifonêmica. Segundo Câmara Jr (2008, p.110) “(...) é preferível interpretar a nasal com grupo de vogal oral mais elemento consonântico nasal”.

Em contraposição à interpretação bifonêmica, encontra-se a interpretação monofonêmica da vogal nasal. Silva (2013) afirma:

Entre os autores que defendem a oposição fonêmica entre vogais orais e nasais temos Head (1964), Pontes (1972) e Back (1973). Segundo estes autores, pares mínimos como [‘la] “lá” e [‘lã] ou [‘mitŪ] “mito” e [‘mītŪ] “minto” caracterizam a oposição fonêmica entre as vogais orais e nasais no português. (SILVA, 2013, p.165)

Fonseca (1984) reforça o pensamento bifonêmico de Câmara Jr (2008), postulando que:

“(...) acrescentamos também exemplos referentes ao seguinte ponto: ele observa que, em português, não ocorre contraste, dentro de uma palavra, entre vogal nasal e vogal oral, isto é, aquela não forma hiato com esta; ou a nasalidade desaparece (ex. *bom*, *boa*) ou a nasalidade (vale dizer o arquifonema nasal) passa à sílaba seguinte (ex: *um*, *uma*; *nem* + *um*, *nenhum*,)”. (FONSECA, 1984, p. 102)

Por outro lado, Martins (1967) defende a visão monofonêmica juntamente com outros autores:

Quanto à consideração das vogais nasais como fonemas, estamos com José Oiticica, Antônio Houaiss, Antônio J. Chediak e outros estudiosos brasileiros e portugueses, que fazem questão de afirmar que se trata unicamente de vogais nasais, sem qualquer consoante nasal implosiva como pode levar a supor a ortografia. (MARTINS, 1967, p. 49)

Tal discussão acerca das visões fonêmicas quanto à nasalidade é, de todo, pertinente. Rothe-Neves & Reis (2012) ao descreverem um breve histórico dos estudos relacionados à nasalidade afirmam:





Até já entrados os anos 1980, o debate se concentra na famosa hipótese de que vogais nasais seriam manifestações fonéticas da representação fonológica de uma sequência /VN/, pioneiramente apresentada por Câmara Jr. (1953). Outros autores já trataram sobre esse debate e sua história, não vamos aqui repeti-los (ver p.ex., ALTMAN, 2004). Cabe-nos observar, entretanto, que, se a hipótese bifonêmica colocou em pauta uma explicação para além das impressões de oitiva centradas na presença ou não do travamento entre vogal nasal e oclusiva subsequente, que Mattoso Câmara Jr. já discutira criticamente em 1953 (VIANA, 1892; NOGUEIRA, 1938) e que subsistiram ainda depois dele (p.ex., DAHL, 1964), apenas as interpretações estruturalistas se dividiram entre um sistema fonêmico com e sem vogais nasais. “Todas as análises gerativas do português, exceto a de Leite (1974) e Abaurre-Gnerre (1983), consideram as vogais nasais como não-fonêmicas” (LEITE, 2004:18). (ROTHERNEVES & REIS, 2012, p. 300)

Apesar das discussões, segundo Silva (2013), as duas interpretações, monofonêmica e bifonêmica, são possíveis.

A VISÃO DA PESQUISA: A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A linguística, ciência que estuda a linguagem, possui subáreas, dentre elas a Sociolinguística, que é definida por Mollica e Braga (2004) como a ciência que estuda a língua em uso dentro das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. E é por meio desses aspectos que se torna possível analisar as mudanças e evoluções sofridas pela língua.

Ao tratar de aspectos sociais, Labov (1991) destaca que a sociologia da linguagem é uma das áreas que tem sido incluída na sociolinguística. Segundo o autor, esta área tem o intuito de lidar com os fatores sociais de grande escala e sua mútua interação com línguas e dialetos.

Cagliari (2001) complementa, apontando que um dos papéis da sociolinguística é demonstrar problemas da variação linguística e da norma culta.

Para Labov (1991), a sociolinguística foca na língua em uso dentro da comunidade que a fala, definindo língua como uma forma de comportamento





social. Ou seja, ele postula que a língua deve ser estudada dentro do seu contexto social, pois é nele que as pressões sociais atuam sobre a língua.

Mollica e Braga (2004) afirmam, ainda, que dentre as muitas áreas de interesse da sociolinguística encontram-se o contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança. Para este trabalho, no entanto, focaremos na área sociolinguística voltada para a variação que, segundo a autora é um fenômeno universal, que pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes.

Ela diferencia variantes e variáveis da seguinte forma: variantes são as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. Já as variáveis, que são consideradas dependentes, dizem respeito ao uso não aleatório das variantes, influenciado por fatores de natureza social ou estrutural. E podem ser internas ou externas. Nas primeiras encontramos fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Nas variáveis externas encontramos fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social), os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Calvet (2002) complementa o assunto definindo a variável como um conjunto de modos diferentes de realizar a mesma coisa, como por meio de um signo ou fonema.

Ao que concerne a esta pesquisa, foram levados em consideração as variáveis gênero/sexo e idade.

A diferença de fala entre homens e mulheres vai além do timbre da voz. Paiva (apud Mollica e Braga, 2004) afirma que as diferenças mais evidentes se encontram no plano lexical. Além disso, o uso de forma padrão e não-padrão da língua parece estar associado não só ao fator gênero/sexo, mas também à forma de construção social dos papéis femininos e masculinos.

Leite e Callou (2004) acrescentam que a variação de gênero é um fator condicionante da heterogeneidade linguística.

O trabalho pioneiro a fazer referência à correlação entre a variação linguística e a variação gênero/sexo foi realizado por Fischer (1958). Em sua



pesquisa, ele apontou para a diferença entre a pronúncia velar ou dental do sufixo – ING do inglês: a de prestígio era utilizada em sua maioria pelas mulheres.

A opção pela forma de prestígio por parte de falantes femininos também foi constatada no âmbito fonológico, (Mollica e Paiva, 1991), em um estudo sobre a variável da vibrante nos grupos consonantais.

Se compararmos o português que falamos hoje com o português que era falado no Brasil colônia, perceberemos que o tempo tem grande influência na língua, assim como na relação tempo/idade.

Um estudo feito por Naro (In: Mollica & Braga, 2003) sobre o português falado no Rio de Janeiro apontou alguns fenômenos relacionados à variável idade, dentre eles, o uso de nós e a gente, em que se constatou que os mais jovens evitam a forma nós e usam mais a forma a gente.

Preti (2003) afirma que um locutor adulto apresenta mais variação em termos lexicais do que em qualquer outro aspecto, mas também salienta que fatores externos como o ambiente onde o falante vive e o seu grau de escolaridade influenciam sua forma de falar. Por exemplo, um locutor adulto proveniente de uma área rural provavelmente apresentará um vocabulário limitado, tanto quanto o de um locutor infantil.

Naro (In: Mollica & Braga, 2003) descreve uma corrente teórica mais moderna que considera que o falante modifica a sua língua no decorrer dos anos.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido seguindo o método quali-quantitativo de pesquisa. Segundo Kaplan & Duchon (1988), as principais características dos métodos qualitativos são a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa e a imersão do pesquisador no contexto.

Sendo assim, este trabalho se enquadra nos parâmetros metodológicos qualitativos, uma vez que a pesquisa foi desenvolvida com base em dados colhidos diretamente do contexto onde o fenômeno é produzido, além da interpretação desses dados realizada durante o processo de análise.





Por outro lado, este trabalho segue uma metodologia quantitativa, pois objetiva, também, quantificar a ocorrência do fenômeno tanto no âmbito fonético, quanto no âmbito sociolinguístico variacionista. A pesquisa quantitativa surge no cenário científico das ciências naturais no século dezanove.

Dörnyei (2007) destaca as seguintes características desse tipo de pesquisa: o uso de números; categorização prioritária; presença maior de variáveis; dados estatísticos, uso de linguagem estatística; procedimentos padrões para alcançar uma realidade objetiva e maior possibilidade de generalização e universalização.

Estudos, como os de Schofield & Anderson (In: Phinney & Rotheram, 1987), apontam para a combinação de estratégias qualitativas e quantitativas na metodologia de pesquisa, como uma forma de unir os pontos fortes de cada metodologia. Seguindo esta combinação metodológica de pesquisa, buscamos cumprir os seguintes passos: Pesquisa bibliográfica; Viagem para Barreirinha para a realização da coleta de dados; Transcrição fonética dos dados coletados; Tratamento acústico dos dados coletados; Análise do material recolhido e descrição dos resultados em dados numéricos, quantificando a ocorrência do fenômeno.

CENÁRIO DE PESQUISA: FREGUESIA DO ANDIRÁ - BARREIRINHA

Barreirinha está localizada ao norte do município de Parintins e a leste do estado do Pará, a 331 km da capital do Amazonas, a cidade de Manaus.

De acordo com o senso do IBGE realizado em 2010, a população estimada era de 27.361 habitantes, sendo o vigésimo segundo município mais populoso do estado do Amazonas.

Em Barreirinha vive parte da comunidade indígena Sateré-Mawé. Segundo dados do Diagnóstico Sociodemográfico Participativo da População Sateré-Mawé, realizado nos anos 2002-2003 pela Universidade Federal do Amazonas, residiam nessa área indígena 7.375 pessoas, estendendo-se por cinco municípios – Aveiro e Itaituba, no Estado do Pará, e Barreirinha, Maués e Parintins, no Estado do Amazonas. Os Sateré-Mawé falam a língua Mawé,



integrante única da família linguística de mesmo nome, pertencente ao tronco tupi.

No setor primário da economia local, destacam-se o plantio de arroz, abacaxi, cacau, laranja, feijão, entre alguns legumes, a criação de bovinos e suínos com a produção de carne e leite.

A pesca, por sua vez, não exprime forte caráter econômico local, servindo apenas para consumo dos moradores da região. A indústria de Barreirinha é provida da usina de arroz e de uma fábrica de brinquedos de madeira. Já o setor terciário, ligado a serviços, engloba comércio em geral e serviço de hotéis e pensões.

Barreirinha possui, ainda, as seguintes comunidades e distritos: Ariau, Brasília do Estácio, Freguesia do Andirá, Santa Tereza do Matupiri, Acurucaua, Boa Fé, Boas Novas do Caraná, Cristo Redentor, Santa Vitória do Coatá, Ipiranga, Jabotituba, Lago Grande, Lírio do Vale, Manda Brasa, Mangueirão e Indígena Umirituba.

A realização deste trabalho se concentrou no distrito de Freguesia do Andirá, um local com 866 habitantes, localizado na orla do Rio Andirá, a aproximadamente 52km de distância de Barreirinha.

OS INFORMANTES E A COLETA DE DADOS

Foram entrevistados dezoito moradores da Freguesia do Andirá, sendo nove homens e nove mulheres de três grupos de faixa etária: 1º grupo (jovens)- de treze a vinte anos; 2º grupo (adultos)- de trinta a cinquenta anos; e 3º grupo (idosos)- acima de 60 anos.

Cada informante foi representado neste trabalho por um código que se inicia com g1b, g2b ou g3b, correspondendo ao grupo de faixa etária a que pertencem respectivamente. E, em seguida, aparece o código F01, F02, F03, M01, M02 ou M03, correspondendo ao gênero de cada informante e a ordem dos dados coletados.

O corpus foi desenvolvido de modo a contemplar vogais que em seus ambientes fonológicos eram precedidas de fonemas consonantais nasais, em limite de sílaba (nasalidade fonológica) ou na sílaba seguinte (nasalidade fonética), com o bilabial /m/ ou o alveolar /n/, em sílabas tônicas de posição





inicial, medial e final (nasalidade fonológica), e com o palatal /ɲ/, em posições tônicas inicial e medial da sílaba. O que resultou no seguinte corpus:

Nasalidade Fonológica	Nasalidade Fonética
Vogais seguidas de /m/ ou /n/ Posições da tonicidade: sílabas inicial, medial e final	Vogais seguidas de /m/ ou /n/ Posições da tonicidade: sílabas inicial e média
[i] pinga seringa capim	[i] quina pepino
[e] pente pimenta Santarém	[e] pena novena
[a] manga elefante DETRAN	[a] cana tucano
[o] ponta redondo batom	[o] goma telefone
[u] fundo defunto jerimum	[u] fumo aluno
Nasalidade fonológica	
Vogais seguidas de /ɲ/ Posições da tonicidade: sílabas inicial e medial Em sílaba tônica	
[i] linha galinha	
[e] lenha desenho	
[a] banho aranha	
[o] sonho cegonha	
[u] punho testemunha	

Quadro 02: Corpus da pesquisa com nasalidade vocálica em sílaba tônica.



Para que a entrevista pudesse fluir com naturalidade e facilidade para os informantes, criamos um documento em Power Point com slides contendo figuras relacionadas aos vocábulos que esperávamos ouvir dos informantes. Esses slides foram apresentados individualmente aos informantes por meio de um computador portátil. Caso um vocábulo não pudesse ser representado por uma figura, desenvolvemos perguntas que levassem os informantes a pronunciar o vocábulo esperado. Cada entrevista durou em média trinta minutos. Devido à simplicidade do local, a se tratar de ambientes externos, a coleta foi realizada sem isolamento acústico, ocorrendo, ora em uma sala próxima a salas de aulas, ora no quintal, varanda e dentro das casas dos informantes.

Para minimizar a interferência de ruídos durante a gravação, foi utilizado um microfone supercardioide, marca Yoga, modelo Ht320. O microfone foi conectado a um gravador marca Marantz, modelo PMD660. O formato de gravação utilizado foi o PCM, com amostragem de 44.100 Hz

Os dados foram coletados pelo software Praat.

A parte de análise iniciou-se com o julgamento de ocorrência do fenômeno combinando a técnica de oitiva com a análise espectrográfica, utilizando-se o programa Praat.

ANÁLISE DOS DADOS

A representação espectrográfica no Praat de um som de vogal oral dá-se com a manifestação de uma coloração cinza escuro em todos os formantes, ao longo de toda a duração do segmento, devido à concentração de energia exclusivamente na cavidade oral durante a enunciação desta palavra.

Por outro lado, um som de vogal nasalizada é representado com a manifestação de uma coloração cinza claro ao longo dos formantes, pois o fluxo de ar divide-se entre as cavidades oral e nasal do informante, o que produz uma diminuição na concentração de energia na cavidade oral, refletida na tonalidade mais clara do cinza.

Interpretamos que o registro da manifestação de uma coloração cinza escuro em todos os formantes, ao longo de toda a duração do segmento, no espectrograma, corresponda, no caso dos dados de Barreirinha, a uma





produção de vogal levemente nasalada e com abertura vocálica, ou, em alguns casos, a uma produção sem nenhum grau de nasalização. Ao que denominamos, de forma geral, como fenômeno não nasalização, embora haja casos em que há uma abertura vocálica, e que não esteja descartada a ocorrência de leve nasalização.

Os ambientes fonológicos analisados foram: [v\$N], [vN\$] e [v\$J], onde v corresponde à vogal, \$ à fronteira da sílaba, N à consoante nasal /n/ ou /m/ e J à palatal /ɲ/.

RESULTADOS FONOLÓGICOS

Quanto ao aspecto de ambiente fonológico [v\$N], gerado considerando as cinco vogais, /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba tônica, em posição inicial e medial, abrangendo 10 (dez) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 36 (trinta e seis) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [v\$N]ST, segundo a fórmula: [i x v] informantes x variáveis de posição da sílaba tônica (18 x 2).

Na análise de cada vogal utilizada neste ambiente fonológico, em termos de realização das variantes: vogal nasalizada e vogal não nasalizada, obtivemos os seguintes resultados:

Variação da vogal /i/ no ambiente fonológico [v\$N].

Variante		[v\$N] inicial	[v\$N] medial	Total
/i/ (vogal nasalizada)	n	25	31	56
	%	69%	58%	78%
/i/ (vogal não nasalizada)	n	11	5	16
	%	31%	42%	22%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%



Variação da vogal /e/ no ambiente fonológico [v\$N].

Variante		[v\$N] inicial	[v\$N] medial	Total
/ê/ (vogal nasalizada)	n	31	30	61
	%	86%	83%	85%
/e/ (vogal não nasalizada)	n	5	6	11
	%	14%	17%	15%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

Variação da vogal /a/ no ambiente fonológico [v\$N].

Variante		[v\$N] inicial	[v\$N] medial	Total
/ã/ (vogal nasalizada)	n	31	35	66
	%	86%	97%	92%
/a/ (vogal não nasalizada)	n	5	1	6
	%	14%	3%	8%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

Variação da vogal /o/ no ambiente fonológico [v\$N].

Variante		[v\$N] inicial	[v\$N] medial	Total
/õ/ (vogal nasalizada)	n	34	31	65
	%	94%	86%	90%
/o/ (vogal não nasalizada)	n	2	5	7
	%	6%	14%	10%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

Variação da vogal /u/ no ambiente fonológico [v\$N].

Variante		[v\$N] inicial	[v\$N] medial	Total
/û/ (vogal nasalizada)	n	29	24	53
	%	80%	66%	74%





/u/ (vogal não nasalizada)	n	7	12	19
	%	20%	34%	26%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

A tabela a seguir analisa o favorecimento da posição da sílaba tônica no ambiente [v\$N] dentro de palavra para cada variante:

Variante		[v\$N] inicial	[v\$N] medial	Total
Vogais nasalizadas	n	150	151	301
	%	83%	84%	83%
Vogais não nasalizadas	n	30	29	59
	%	17%	16%	17%
Total	n	180	180	360
	%	100%	100%	100%

Quanto ao aspecto de ambiente fonológico [vN\$], gerado considerando, também, as cinco vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba tônica, em posição inicial, medial e final, abrangendo 15 (quinze) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 54 (cinquenta e quatro) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [vN\$]ST, segundo a fórmula [i x v], (18 x 3).

Na análise de cada vogal utilizada neste ambiente fonológico, em termos de realização das variantes: vogal nasalizada e vogal não nasalizada, obtivemos os seguintes resultados:

Variação da vogal /i/ no ambiente fonológico [vN\$].

Variante		[vN\$] inicial	[vN\$] medial	[vN\$] final	Total
/i/ (vogal nasalizada)	n	54	53	54	161
	%	100%	98%	100%	99%
/i/ (vogal não nasalizada)	n	0	1	0	1
	%	0%	2%	0%	1%
Total	n	54	54	54	162
	%	100%	100%	100%	100%



Variação da vogal /e/ no ambiente fonológico [vN\$].

Variante		[vN\$] inicial	[vN\$] medial	[vN\$] final	Total
/ẽ/ (vogal nasalizada)	n	54	53	54	161
	%	100%	98%	100%	99%
/e/ (vogal não nasalizada)	n	0	1	0	1
	%	0%	2%	0%	1%
Total	n	54	54	54	162
	%	100%	100%	100%	100%

Variação da vogal /a/ no ambiente fonológico [vN\$].

Variante		[vN\$] inicial	[vN\$] medial	[vN\$] final	Total
/ã/ (vogal nasalizada)	n	52	54	54	159
	%	96%	100%	100%	98%
/a/ (vogal não nasalizada)	n	2	0	0	2
	%	4%	0%	0%	2%
Total	n	54	54	54	162
	%	100%	100%	100%	100%

Variação da vogal /o/ no ambiente fonológico [vN\$].

Variante		[vN\$] inicial	[vN\$] medial	[vN\$] final	Total
/õ/ (vogal nasalizada)	n	54	53	54	161
	%	100%	98%	100%	99%
/o/ (vogal não nasalizada)	n	0	1	0	1
	%	0%	2%	0%	1%
Total	n	54	54	54	162
	%	100%	100%	100%	100%

Variação da vogal /u/ no ambiente fonológico [vN\$]ST.

Variante		[vN\$] inicial	[vN\$] medial	[vN\$] final	Total
/ũ/ (vogal nasalizada)	n	54	54	53	161
	%	100%	100%	98%	99%





/u/ (vogal não nasalizada)	n	0	0	1	1
	%	0%	0%	2%	1%
Total	n	54	54	54	162
	%	100%	100%	100%	100%

A tabela a seguir analisa o favorecimento da posição da sílaba tônica no ambiente [vN\$] dentro de palavra para cada variante:

Variante		[vN\$]	[vN\$]	[vN\$]	Total
		inicial	medial	final	
Vogais nasalizadas	n	160	159	161	480
	%	98%	97%	99%	98%
Vogais não nasalizadas	n	2	3	1	6
	%	2%	3%	1%	2%
Total	n	162	162	162	486
	%	100%	100%	100%	100%

Considerando-se o aspecto de ambiente fonológico [v\$J], gerado com as cinco vogais, /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba tônica, em posição inicial e medial, abrangendo 10 (dez) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 36 (trinta e seis) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [v\$J]ST, segundo a fórmula $[i \times v]$, (18×2) .

Na análise de cada vogal utilizada neste ambiente fonológico, em termos de realização das variantes: vogal nasalizada e vogal não nasalizada, obtivemos os seguintes resultados:

Variação da vogal /i/ no ambiente fonológico [v\$J].

Variante		[v\$J]	[v\$J]	Total
		inicial	medial	
/i/ (vogal nasalizada)	n	23	31	54
	%	64%	86%	75%
/i/ (vogal não nasalizada)	n	13	5	18
	%	36%	14%	25%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%



Variação da vogal /e/ no ambiente fonológico [v\$J].

Variante		[v\$N] inicial	[v\$N] medial	Total
/ê/ (vogal nasalizada)	n	33	35	68
	%	91%	97%	94%
/e/ (vogal não nasalizada)	n	3	1	4
	%	9%	3%	6%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

Variação da vogal /a/ no ambiente fonológico [v\$J].

Variante		[v\$J] inicial	[v\$J] medial	Total
/ã/ (vogal nasalizada)	n	25	21	46
	%	69%	58%	64%
/a/ (vogal não nasalizada)	n	11	15	26
	%	31%	42%	36%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

Variação da vogal /o/ no ambiente fonológico [v\$J].

Variante		[v\$J] inicial	[v\$J] medial	Total
/õ/ (vogal nasalizada)	n	34	31	65
	%	94%	86%	90%
/o/ (vogal não nasalizada)	n	2	5	7
	%	6%	14%	10%
Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

Variação da vogal /u/ no ambiente fonológico [v\$J].

Variante		[v\$J] inicial	[v\$J] medial	Total
/û/ (vogal nasalizada)	n	28	33	61
	%	78%	92%	85%
/u/ (vogal não nasalizada)	n	8	3	11
	%	22%	8%	15%





Total	n	36	36	72
	%	100%	100%	100%

A tabela a seguir analisa o favorecimento da posição da sílaba tônica no ambiente [v\$J] dentro de palavra para cada variante:

Variante		[v\$J] inicial	[v\$J] medial	Total
Vogais nasalizadas	n	143	151	294
	%	79%	84%	81%
Vogais não nasalizadas	n	37	29	66
	%	21%	16%	19%
Total	n	180	180	360
	%	100%	100%	100%

Agora, analisando cada vogal, em suas variações dentro dos ambientes fonológicos, chegamos às seguintes tabelas:

Variação da vogal /i/ nos ambientes fonológicos [v\$N], [vN\$] e [v\$J]:

Variante		[v\$N]	[vN\$]	[v\$J]	Total
/i/ (vogal nasalizada)	n	56	161	54	271
	%	74%	99%	75%	88%
/i/ (vogal não nasalizada)	n	16	1	18	35
	%	26%	1%	25%	12%
Total	n	72	162	72	306
	%	100%	100%	100%	100%

Variação da vogal /e/ nos ambientes fonológicos [v\$N], [vN\$] e [v\$J]:

Variante		[v\$N]	[vN\$]	[v\$J]	Total
/ê/ (vogal nasalizada)	n	61	161	68	290
	%	85%	99%	94%	95%
/e/ (vogal não nasalizada)	n	11	1	4	16
	%	15%	1%	6%	5%
Total	n	72	162	72	306
	%	100%	100%	100%	100%



Variação da vogal /a/ nos ambientes fonológicos [v\$N], [vN\$] e [v\$J]:

Variante		[v\$N]	[vN\$]	[v\$J]	Total
/ã/ (vogal nasalizada)	n	66	160	46	272
	%	92%	98%	64%	89%
/a/ (vogal não nasalizada)	n	6	2	26	34
	%	8%	2%	36%	11%
Total	n	72	162	72	306
	%	100%	100%	100%	100%

Variação da vogal /o/ nos ambientes fonológicos [v\$N], [vN\$] e [v\$J]:

Variante		[v\$N]	[vN\$]	[v\$J]	Total
/õ/ (vogal nasalizada)	n	65	161	61	287
	%	85%	99%	85%	94%
/o/ (vogal não nasalizada)	n	7	1	11	19
	%	15%	1%	15%	6%
Total	n	72	162	72	306
	%	100%	100%	100%	100%

Variação da vogal /u/ nos ambientes fonológicos [v\$N], [vN\$] e [v\$J]:

Variante		[v\$N]	[vN\$]	[v\$J]	Total
/û/ (vogal nasalizada)	n	53	161	61	275
	%	74%	99%	85%	90%
/u/ (vogal não nasalizada)	n	19	1	11	31
	%	26%	1%	15%	10%
Total	n	72	162	72	306
	%	100%	100%	100%	100%

Esta última tabela representa o total de uso das variantes, vogal nasalizada e vogal não nasalizada, em cada ambiente fonológico:

Variante		[v\$N]	[vN\$]	[v\$J]	Total
Vogais nasalizadas	n	301	804	294	1399
	%	83%	99%	81%	91%





Vogais não nasalizadas	n	59	6	66	131
	%	17%	1%	19%	9%
Total	n	360	810	360	1530
	%	100%	100%	100%	100%

Os dados das tabelas apontam que a vogal alta /u/ é a maior favorecedora do fenômeno no ambiente [v\$N], a vogal baixa /a/, a maior favorecedora nos ambientes [vN\$] e [v\$J]. Porém, a vogal alta /i/ aparece como a maior favorecedora do fenômeno no quadro geral que engloba todos os ambientes fonológicos, seguida da vogal baixa /a/. Quanto ao favorecimento realizado pela posição da sílaba tônica na palavra, os dados demonstram que no ambiente [v\$N] a posição inicial é a maior favorecedora, no ambiente [vN\$], a posição medial, e no ambiente [v\$J], a posição inicial. Os dados também apontam que o ambiente fonológico maior favorecedor do fenômeno é o [v\$J].

RESULTADOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Os aspectos sociolinguísticos utilizados para análise neste trabalho, que foram quantificados graficamente, correspondem às variáveis de gênero e idade.

Levando-se em consideração a quantidade de informantes entrevistados de cada gênero, masculino e feminino, que foi 09 (nove) e a quantidade de palavras, que foi 35 (trinta e cinco), utilizados na coleta, o número máximo de produção do fenômeno para cada gênero seria de 315 (trezentos e quinze).

O Gráfico 01 faz a projeção do total de produção do fenômeno por cada gênero:

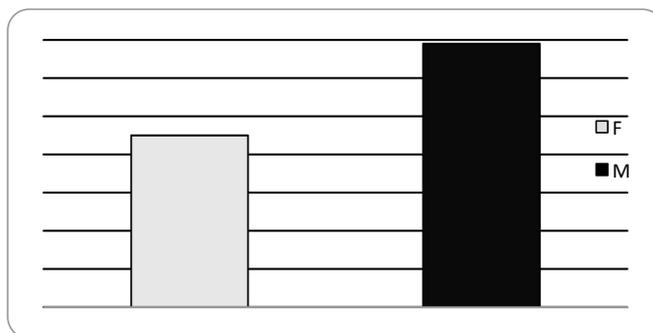


Gráfico 01: Produção do fenômeno na variável gênero.



O Gráfico 01 aponta maior produção do fenômeno por parte de informantes do gênero masculino, com 69 (sessenta e nove) ocorrências, em detrimento de 45 (quarenta e cinco) ocorrências por parte dos informantes do gênero feminino.

Estes dados confirmam que falantes femininos geralmente optam pela forma de prestígio, ou seja pela forma padrão da língua no âmbito fonológico, como constatado por Mollica, Paiva & Pinto (1958).

A variável idade contemplou três grupos de faixa etária, jovens, adultos e idosos, com o intuito de ressaltar a distinção no uso da língua por informantes de idades distintas, confirmando as constatações de Naro (In: Mollica & Braga, 2003) e Preti (2003) realizadas em suas pesquisas, abordadas no capítulo sobre variação sociolinguística deste trabalho.

Para cada grupo de faixa etária da variável idade, 03 (três), levando em consideração as 35 (trinta e cinco) palavras do corpus, esperava-se uma produção total do fenômeno de 210 (duzentos e dez) ocorrências.

O Gráfico 02 ilustra a ocorrência do fenômeno na variável idade:

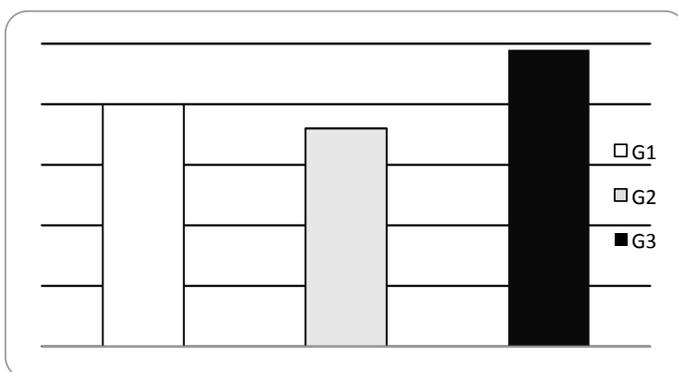


Gráfico 02: Produção do fenômeno na variável idade.

O Gráfico 02 aponta para maior produção do fenômeno por parte dos informantes do Grupo 03 de idade, os idosos, com 49 (quarenta e nove) ocorrências, seguidos pelos informantes do Grupo 01 de idade, os jovens, com 40 (quarenta) ocorrências e, por fim, pelos informantes do Grupo 02 de idade, os adultos, com 36 (trinta e seis) ocorrências.





Estes dados vão de encontro com o que Naro (In: Mollica e Braga, 2003), afirma em relação à produção de uma fala mais distinta dos demais por parte de falantes mais adultos, pois estes tendem a optar pela utilização de formas mais antigas, o que nos leva a considerar que este fenômeno vem ocorrendo nesta comunidade desde certo período do passado. Ou seja, não é um fenômeno novo, que esteja surgindo na nova geração desta comunidade.

Em um panorama geral, analisando os três grupos etários juntos, podemos traçar duas observações.

A primeira é que, considerando os grupos 1 e 2, jovens e adultos, percebemos que o fenômeno está em processo de transformação para uma decadência de sua ocorrência, ou seja, progressão. A segunda é que, ao analisar os grupos 2 e 3, adultos e idosos, verificamos que a ocorrência do fenômeno é recorrente e que se perpetua pela faixa etária seguinte, estando em progresso.

De forma geral, assumimos que o fenômeno se encontra em progressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo diacrônico que realizamos quanto à nasalidade em sua ocorrência no latim, no português arcaico e no português moderno, verificamos que a nasalidade percebida na fala dos informantes de Freguesia do Andirá, se assemelha à nasalidade que ocorria no português arcaico descrito por Bueno (1967), em uma variação produzida em Lisboa-Coimbra na época dos cancioneiros portugueses, e que corresponde à questão de timbre aberto e timbre fechado mencionado por Teyssier (1997) como um traço presente no português europeu, mas neutralizado no português brasileiro. Tal afirmação de neutralização faz com que os dados de Barreirinha sejam, no mínimo, intrigantes, pois foram registrados dados de nasalidade vocálica com timbre aberto, neste trabalho, denominados de vogais não nasalizadas.

Ressaltamos que maiores investigações devam ser realizadas para a formulação de hipóteses que pautem o grande favorecimento de produção do fenômeno pela presença das vogais /i/ e /a/ nos ambientes fonológicos, bem como o favorecimento proporcionado pela palatal /j/.



VARIATION OF VOWEL NASALITY OF FREGUESIA DO ANDIRÁ – BARREIRINHA, IN AMAZONAS: CORPUS OF VOWELS IN STRESSED SYLLABLES

Abstract

The aim of this paper is to describe the nasality in the speech of native residents of Barreirinha, in the district of Freguesia do Andirá, in Amazonas. Through a diachronic study of nasality from Latin (William, 1961) to the modern Portuguese (Câmara Jr, 1984) it is possible to identify its emergence and its transformations. Some aspects of nasality in the archaic Portuguese described by Bueno (1967) have brought us to the identification of the phenomenon that happens in Freguesia do Andirá. This is a qualitative and quantitative study, which follows the parameters of the sociovariacionist theory (Labov, 1991). The data analysis indicated a finding of variation in this district of Barreirinha nasality, which resembles the variation from the archaic Portuguese, and also pointed to a transformation process of the phenomenon, which is in progress, considering the sociolinguistic variables analyzed.

Keywords: Community of Andirá; Nasality; Sociolinguistics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. de J., CAVALCANTE, L. D., PACECO, V. (2007) Vogais nasais em ambientes não nasais em alguns dialetos baianos: dados preliminares. **Pesquisa em Estudo da Linguagem III**, Vitória da Conquista: Edições UESB, P 87-92.

BACK, E. (1973) **São fonemas as vogais nasais do Português?** Construtora, n.4, p. 297-318.

BISOL, L. (1999) A nasalidade, um velho tema. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, v. 14, n. especial, p. 24-46.

BOTELHO, J. M.(2007) A nasalidade das vogais em português. **SOLETRAS- Ano VII**, Nº 14. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.

BUENO, F., S. (1967) **A formação histórica da língua portuguesa**. 3 ed. São Paulo: Editora Saraiva.

CAGLIARI, L. C. (2001) **Alfabetização e Linguística**. 10 ed. São Paulo: Scipione.

CALVET, L. (2002) Variações diastráticas, diatópicas e diacrônicas: o exemplo da gíria. In: **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 4ª ed. São Paulo: Parábola.





CAMARA JR, J. M. (1984) **Estrutura da língua portuguesa**. 14 ed. Petrópolis: Vozes.

CAMARA JR, J. M. (2008) **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Petrópolis: Vozes.

CLEMENTS, G.N. & E. HUME. (1995) **The internal organization of speech sounds**. In J. Goldsmith (ed.), *Handbook of Phonology*. Blackwell. Hume, E. 1994 [1992]. **Front Vowels, Coronal Consonants and their Interaction in Nonlinear Phonology**. New York: Garland.

DÖRNEYEI, Z. (2007) **Research Methods in Applied Linguistics**. Oxford University Press.

FARIA, E. (1974) **Fonética histórica do Latim**. 2 ed. Biblioteca Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

FISCHER, J. L. (1958) **Social influence on the choice of a linguistic variant**. World.

FONSECA, O. (1984) **Vogais nasais do português: pressupostos e discussão**. Alfa, São Paulo.

GONÇALVES, E.; RAMOS, M. A. (1985) **A lírica galego-portuguesa (textos escolhidos)**. 2.ed. Lisboa: Editorial Comunicação.

HEAD, B. (1964) **A Comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro**. PhD. Dissertation. The University of Texas in Austin.

KAPLAN, B. & DUCHON, D. (1988) **Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study**. MIS Quarterly, v. 12, n. 4, p. 571-586, Dec.

LABOV, W. (1991) **Sociolinguistic Patterns**. 11 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

LEITE, Y. e CALLOU, D. (2004) **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MARTINS, M.D. **Os sistemas vocálicos do português e do espanhol**. São Paulo, USP, 1967. (Tese-Doutoramento).

MELO, G. C. de. (1967) **Iniciação à Filologia Portuguesa**. 3 ed. – Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

MOLLICA, M. C. e BRAGA, L. B (orgs.) (2004) **Introdução à Sociolinguística- O Tratamento da Variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto.

MOLLICA, M. C.; PAIVA, M. C. (1991) Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em Português. In: **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, n.11.

NARO, A. J. (2003) **O dinamismo das línguas**. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto.

NUNES, J. J. (1960) **Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia**. 6ª edição. Lisboa: Livraria Clássica.





- NOBILING, O. (1907) **Cantigas de Joan Garcia de Guillade**. Erlangue.
- PAIVA, M. C. de. (1994) **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, M. C. (Org). **Introdução à Sociolinguística variacionista**. Cadernos Didáticos UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 69-73.
- PONTES, E. (1972) **Estrutura do verbo no português coloquial**. Rio de Janeiro: Vozes.
- PRETI, D. (2003) **Sociolinguística: Os Níveis da Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira**. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- ROTHER-NEVES, R. & REIS, C. M. (2012) Uma bibliografia da nasalidade vocálica no português. Revista. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 47, n. 3, p. 299-305, jul./set.
- SILVA, T. C. (2013) [1999]. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto.
- SCHOFIELD, J. W. & ANDERSON, K. (1987). **Combining quantitative and qualitative components of research on ethnic identity and intergroup relations**. In: PHINNEY, J. S. & ROTHERAM M. J. *Children ethnic socialization: Pluralism and development*. London: Sage.
- TEYSSIER, P. (1997) **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes.
- WILLIAMS, E. B. (1961) *Do latim ao português*. Instituto Nacional do Livro.

